

## LÍRIOS BRANCOS

Nestes outonos tão desolados,  
Triste, sôzinha fico a cismar  
nos lírios brancos desabrochados,  
pelas campinas, pelos valados!...  
Dobre a finados ouço no ar.

ao longe, longe nos descampados,  
e aos meus ouvidos num soluçar;  
dizem ser almas de namorados,  
almas de noivos apaixonados,  
que só em lírios podem voltar;

em lírios brancos mui perfumados,  
pelos jardins sempre a vagar;  
em doce idílio entrelaçados,  
em belos pares de namorados,  
na paz mirífica do luar!

Ó lírios brancos despatalados,  
entre ruínas a soluçar,  
vejo-os pendidos, desconsolados,  
ainda vivos e sepultados,  
Na paz mirífica do luar!

## SER MÃE!...

A minhas filhas e noras.

«Não ha pranto ou saudade,  
Que o carinho das Mães não possa amenizar»

Dario Vellozo

Ser Mãe é sempre ter alegre o coração  
um sorriso nos lábios, e lágrimas nos olhos.  
Em súplicas viver, em sincera oração,  
num florido jardim, num caminho de abrochos!

É vogar num baixel, sobre ondas de esperança,  
por timoneiro tendo o verdadeiro Amor:  
que cego as pressente se a tormenta avança  
transformando por vézes no prazer em Dor!

Mãe, nome sem igual; encanto, flor, essência,  
seu aroma perfuma; talvez como a saudade,  
eleva-nos, e prende assim tôda existência,  
sendo elo sagrado de Amor e Amizade.

Um coração de Mãe, muito embora humilhado,  
a sofrer em silêncio e a chorar, não ecoa,  
alegre parecendo e mesmo torturado,  
não dá demonstração, desculpando perdão!

Amor puro de Mãe, é sublime Virtude,  
que nos dá Esperança e a Fé nos incentiva,  
fazendo Caridade em formosa atitude  
de carinho ou Perdão, de u'a alma sensitiva.

Ser Mãe, divino dom, da eterna Natureza,  
que eleva, glorifica e uma beleza encerra,  
quer seja na opulência ou seja na pobreza;  
ser Mãe sempre será nobre missão na Terra!

É viver para outrem, e não se pertencer,  
dispensando meiguice, amor, dedicação,  
sem interêsse algum de Graças receber,  
ser Anjo tutelar cumprindo sua missão.

De sublime renúncia é toda sua vida,  
dedicando ao Espôso e aos filhos seu amor!  
Mas a velhice chega e assim, por despedida,  
deixa no coração talvez tristeza e dor!...

## A UM PINHEIRO DO MEU POMAR

ABRIL DE 1933

Alto Pinheiro do meu pomar,  
que do meu leito deitada vejo,  
és confidente do meu sonhar,  
das minhas mágoas, do meu desejo.

Quando a sós ouço teu ramalhar,  
nas horas tristes do entardecer,  
dobre a finados creio escutar,  
de sonhos mortos logo ao nascer!

Teu vulto negro, sob o luar,  
sombrias evoca do meu sofrer;  
quantas saudadas vens despertar,  
dos tempos idos do meu viver!

Ah! quem me dera tua fortaleza,  
às intempéries superior  
teu nobre porte de realצה  
eleva a tudo que é inferior!

O raio afrontas com altivez,  
a chuva, os ventos, o sol a pino,  
nada perturba-te a placidez,  
teus ramos cantam no azul um hino!

Verdes agulhas fremem no ar,  
ao sôpro forte dos vendavais;  
só, no meu leito, fico a escutar,  
a sinfonia dos Pinheirais!

Nas manhãs claras de sol doirado,  
gôtas de orvalho são diamântes,  
e assim tu ficas todo enfeitado,  
com teus pingentes, lindos brilhantes!

Nas manhãs frias névoa te envolve,  
pareceres noiva que vai casar,  
o sol cioso logo dissolve  
o véu rendado do teu noivar!

Se a tarde desce, ao sol poente,  
não mais projetas a sombra amiga;  
minha alma triste, quasi demente,  
então recorda uma tela antiga!

Tombado ao solo, Pinheiro morto,  
pleno de seiva, de mocidade,  
era o mais belo dêste meu hortó,  
e a morte o leva sem piedade!

Quando alta noite giram, perpassam,  
as Parcas tredas, em seu rondar,  
súplice peço, quando elas passam,  
não venha a morte te arrebaratar!

Deixem viver o Pinheiro Amigo!  
Tudo me levam do coração,  
sêres queridos para o jazigo,  
crença, esperança, sonho, ilusão!

Pobre minha alma tão suscetível,  
que dia e noite leva a chorar,  
ah! quem me dera ser impassível  
como o Pinheiro do meu pomar!



## CONTAS ESPARSAS

Do "MEU ROCAL DE SAUDADES"

Do meu rocal de saudade,  
eis estas contas esparsas,  
juncando esta soledade  
tal qual um bando de garças.

Saudades do coração,  
não se contam às dezenas;  
como aves na amplitude  
não deixam contar as penas!

Saudade sombra querida,  
que não vemos mas sentimos,  
acompanha-nos na vida,  
na morte quando partimos.

Saudade, encanto, beleza,  
que nos consola e socorre;  
contra a lei da Natureza  
nasce, vive, mas não morre!

A saudade se é de amor,  
é tão doce quanto o mel;  
se de tristeza ou de dor  
amarga-nos como fel.

A saudade é um relicário  
que trago dentro do peito,  
são contas do meu rosário,  
o qual só de amor é feito.

Saudade suave enlêdo,  
aviva a separação,  
é uma folha de Trevo  
nascida no coração.

A saudade é a Sempreviva,  
a flor que nunca emurchece,  
e em nosso peito se aviva  
se mais a ausência se cresce.

Saudade sino plangente  
desta ermida do coração,  
alegre, triste ou dolente  
traz sempre consolação.

Saudade flor d'helianteo,  
como ao sol, nos acompanha;  
também se orvalha de pranto  
se a tristeza nos apanha.

A saudade só floresce  
no peito dos sofedores,  
mas às vezes remanesce  
na trova dos Trovadores.

Quando morrer a Saudade,  
dás não terá, nem lamento;  
porque, morrendo a saudade,  
morre junto o sentimento!

A saudade por si só,  
morrendo, vive outra vez;  
é a Rosa de Jericó  
dentro do peito talvez!

A saudade, flor da prece  
nascida no coração,  
mas também nasce e floresce  
no exílio, na solidão.

Saudade, não se descreve,  
o seu valor não se atinge;  
nasce, floresce, mui breve,  
é e será sempre Esfinge!

Saudade folha volvida,  
gravada em nossa memória,  
do livro de nossa vida  
feliz, alegre ou inglória!

Mas se a saudade matasse,  
de há muito tinha morrido  
porém, saudade dá vida,  
por isso tenho vivido!...

A saudade é fina essência,  
perfuma, encanta, seduz;  
quer seja na adolescência,  
como na velhice, é luz

que ilumina nossa vida  
em recordando o passado,  
e tornando-a tão querida  
como o nosso Bem Amado.

## LÍRIOS ROXOS

Os lírios roxos do meu canteiro,  
em o meu jardim interior,  
desabrocham o ano inteiro,  
florescem sempre, sempre primeiro,  
em holocausto a êsse meu amor!

Êles são roxos de sentimento,  
roxos de mágoa, tristeza e dor,  
quando os procuro, a todo momento;  
êles revivem meu pensamento  
que se concentra em meu grande amor.

Nas «Horas Tristes» de desalento,  
súplice olhar volvido para o Além,  
os lírios roxos me dão alento,  
parece vê-los no Firmamento,  
e seus aromas me fazem bem.

Oh lírios roxos do Cemitério!  
Como vos quero meus roxos lírios,  
vossos perfumes são luz, mistério,  
iluminando meu eremitério  
como se fossem ardentes círios!

Oh lírios roxos desencantados,  
entre ruínas a soluçar,  
tristes, perdidos, desconsolados,  
ainda vivos, já sepultados,  
por entre cruzes sob o luar!

1951



## PÔRTO DE CIMA

(Paródia ao "Retiro Saudoso", de Dário Vellozo)

Vive na minha lembrança,  
Pôrto de Cima saudoso,  
Onde nautas da Esperança  
Fomos buscar um repouso.

Nossa modesta vivenda,  
Ficava à beira do rio,  
Era humilde a nossa tenda,  
Só imagina quem viu!

Embora por entre flores,  
Ao sôpro da brisa mansa,  
Não suavizou suas dores;  
Não foi Porto de Bonança!

Naquêle ermo distante,  
Onde fôra por vontade,  
Não descançou um instante  
Curtindo dor e saudade.

Às horas tredas da noite,  
Mui triste se lamentando,  
Ouvia o vento em açoite,  
As flores despetalando.

Ninguém lhe ouvia os queixumes,  
Sòmente a Lua erradia,  
E talvez os vagalumes,  
Através da gelosia!

Junto dos filhos, da esposa,  
Em transe comovedor,  
Almejava a fria lousa:  
Não tinha cura sua dor!

Nossa modesta Vivenda,  
Abandonada ficara,  
Entre urzes nossa tenda,  
Desde que a morte o levava!

Quanto mais o tempo avança,  
Como um eco de tristeza,  
Vive na minha lembrança,  
Tôda aquela redondeza!

Entre moitas de taquara,  
E lírios brancos à margem,  
Desliza o Nhundiaquara,  
Ao leve fremir da aragem.

O Nhundiaquara tão lindo,  
Onde na infância brincava  
Sentindo prazer infindo,  
Quando um peixinho pescava.

Como era lindo o Luar,  
Entre tanta singeleza,  
Indo no rio me banhar,  
Brincando na correnteza.

Mui boa e fértil a terra,  
Num conjunto pitoresco,  
As ruínas, o rio, a Serra  
Do Marumbí gigantesco.

Ao vê-lo assim ninguém diz,  
Como foi rude sua sina,  
Outrora alegre e feliz,  
Hoje tão triste em ruína!

Talvez ruínas de pouso,  
Perdidas na soledade,  
Tenda de amor e repouso,  
Horto de encanto e bondade.

Outrora, empório do Mate,  
Dos hervateiros o Pôrto,  
Dando à miseria combate,  
Entre riqueza e confôrto

Que belas ruínas atestam;  
Mas na sua mudez de pedra,  
Não se queixam, não protestam,  
Da aridez que em tôrno medra.

A hora do sol poente,  
Fitava a Serra do Mar,  
Esperando um filho ausente,  
Que nos vinha visitar.

## A UMA FLOR DE MANACÁ

Minha flor de manacá,  
tens da mágoa a roxa côr,  
outra igual assim não há  
que desperte tanto amor.

Tão roxa de ansiedade,  
junto à Fonte da Tristeza,  
é lei contra a Natureza?  
não sabes que a soledade

— Vem pois ao jardim florido,  
com teu suave perfume,  
e o teu lindo colorido,  
de ti não terão ciúme!...

Se acaso a brisa da tarde,  
o teu perfume roubar,  
entre as asas da saudade,  
teu perfume há de voltar!

Serás alegre e feliz!  
entre lírios, entre rosas.  
E também flores de lis  
Horas terás, venturosas!

1951



**O FILÓSOFO  
(A. de T.)**

PORTO DE CIMA

A Eudoxio  
No dia dos Lírios Roxos

Quer a doutrina expando a seus Irmãos  
Ou do Mestre os preceitos ensinando,  
Converte-lhe a palavra os corações  
Onde as idéias sãs vão germinando !

É Mestre pelo exemplo, e senda puro  
Pode a todos falar de frente erguida !  
Não tendo nunca um pensamento impuro  
Jamais a uma vingança deu guarida !

Dentro do lar, em íntimas tertúlias,  
A sua voz nos arrebatava e enleva  
Como no alor de uma sentida dulia.

Busca vencer os feitos da Grécia;  
É luz de Amor, que iluminando a treva  
Lembra o esplendor dos Místicos da Grécia !

11 de Setembro de 1924

**A UMA FLOE DE MANACA**

Minha flor de manacá, estrepando a e aborrecida  
Tão tova de arizadade  
Junto á fonte da tristez  
é fel contos e tristezas?  
tão sobras que a sobredade  
— Ven pois ao jardim  
com teu suave perfume,  
e o teu hálito-relevo,  
de si não terço clama?  
Se dorso o hálito de luto,  
outra vez me aproximar  
ten perfume há de volitar  
sobras a dorso, a dorso  
— Não tejas a dorso  
entre lírios, entre rosas  
E também flores de lis  
Hors' lenda, venhosos!  
Sóris clare e talia!

Vive no misto lebrando  
Forte de Cima souso  
Onde noutro da laperço  
Tomas buscar um repouso  
Nossa modesta vevenda  
Ficava a beira do rio  
Era humilde e modesto  
Se imagina quem  
Embora por entre flores  
Ao edpo da hila muerço  
Não ministroz mais dorso  
Não foi Porto de Cima  
Luzes emo distande  
Cada têm por vo de  
Não descurar um instante  
(Quanda dor e soude)  
As horas tedas do noite  
Muita teza se lamentando  
Ouvia o vento em dorso  
As llozes despelando  
Ningum lhe curia os dueres  
Ficava a luz eridit  
— E llozes os vovendo  
Atraves da gelada  
Junto dos lírios de espere  
Em nome compeço  
Almejava a llo llozes  
Não higa cura sua dor!  
Nossa modesta vevenda  
Abandonada libor  
Ficava a beira do rio  
Desde que a modesta vevenda  
Quanto mais o tempo  
Como um ano de  
Vive no misto lebrando  
Toda a modesta vevenda  
Entre moltes de rodure  
E lírios panos  
Dorso a hila muerço  
Ao leve hálito de luto  
O hila muerço  
Onde na infância  
Sentando puzer infando  
Quando um peixinho  
Como era hila e luto  
Entre tanta angosto  
Lido no jo me hila  
francando no comenlo



